

A TARDE

QUA
SALVADOR
26/2/2014

SEG VIAJAR
TER POP
HOJE VISUAIS
QUI CENA / GASTRONOMIA
SEX FIM DE SEMANA
SAB LETRAS
DOM TELEVISÃO

atarde.com.br/caderno2mais

GISELENE RAMOS

Nunca é tarde para voltar e apagar aquilo que ficou atrás, esse é o significado do símbolo gráfico de origem Akan, uma tribo da África ocidental: sankofa.

Nascido em 1974, em Gana, Justine Lloyd Ankai Macaidoo, ou Dj Sankofa, tornou-se figura importante na difusão da cultura africana em Salvador.

Como muitos africanos, Sankofa saiu em busca de uma vida melhor, aventurando-se em navios e viajando para diversos países. E assim foi para a Europa e a Ásia, pois, como já havia trabalhado em navios pesqueiros, conhecia a dinâmica da fiscalização e a possibilidade de ali se esconder. Em 2001, entrou em um navio saindo do Togo. Porém, mal sabia que aquele navio estava indo para o Brasil. “Eu vim para conhecer onde era o Brasil”, lembra Sankofa.

Chegada

Ao atracar em Santos, soube que encontraria outros africanos em São Paulo. Trabalhou como cabeleireiro e depois conseguiu passagem para vir a Salvador. Em 2004, estava trabalhando no restaurante Crepe da Cidade, no Rio Vermelho, quando recebeu o convite de Helder Barbosa – idealizador e responsável pelo portal Aldeia Nagô – para tocar numa festa de reveillon.

Helder, apreciador da música africana e produtor de diversos eventos na cidade, percebeu o potencial no trabalho do Dj.

“Aquele cara me chamou a atenção e percebi que ele era um grande conhecedor da música africana”. Para Sankofa, essa festa foi um momento que mudou tudo em seu trabalho. “Ao mesmo tempo que batiam palmas para o negro, falando que a África é aqui, jogaram latas e copos em cima de mim, enquanto discotecava na festa”, lembra o Dj.

Inquietação

Depois de quatro anos na capital, o ganense notou que aqui muito se falava da cultura africana, mas ele não se identificava. “Quando eu cheguei, o que me invocou é que ouvia muito as pessoas falarem Bahia África, África Bahia e com o tempo percebi que essas pessoas não conheciam tanto a África. Eu nunca vi um restaurante africano. Nunca vi CD de artista africano sendo vendido no camelô,” desabafa.

E foi com essa inquietação que Sankofa se sentiu motivado a difundir a cultura africana, sobretudo de Gana, em Salvador.

Na rádio Educadora FM, apresenta o programa *Rádio África* – o primeiro dedicado à música africana na Bahia, misturando hits tradicionais e contemporâneos. Roberto Barreto (Baiana-System), músico e produtor do programa, considera o trabalho feito por Sankofa de grande importância para a cultura local. Para ele, o conhecimento da diversidade da cultura africana é uma das grandes contribuições do Dj para a Bahia. “Sankofa traz uma visão mais crítica e real da África, enquanto as pessoas aqui falam muito, mas de uma África idealizada, romântica”.

Ativismo cultural

Nelson Maca, poeta e idealizador do *Sarau Bemblack*, que acontecia no Sankofa African Bar, diz que o Dj é um verdadeiro ativista cultural. “Sankofa não se preocupa só em falar da África, mas também em mostrar, seja na música ou nos diversos eventos que aconteceram no espaço”.

Em 2013, a Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (Sucom), em operação conjunta com a Polícia Militar, apreendeu o equipamento de som da casa sob acusações de pendência no alvará para uso de som e de volume de decibéis acima do



PROJETO WEBSÉRIE
DOMINGUINHOS + SERÁ
DISPONIBILIZADA A PARTIR
DE HOJE NO YOUTUBE E
ANTECEDE DOCUMENTÁRIO 3

TELEVISÃO **SÉRIE EXIBE O FILME *O ÚLTIMO TANGO EM PARIS*, HOJE, NO CANAL CURTA!** 3

Aline Arruda / Divulgação

A África não é aqui

Lúcio Távora / Ag. A TARDE



DJ Sankofa com máscaras africanas no local onde era o Sankofa Bar

“Os brasileiros não conhecem a África. Pensam que é Jamaica ou que é um país”

SANKOFA, agitador cultural

permitido no horário.

Segundo Maca, o Sankofa African Bar era um verdadeiro centro cultural afrobrasileiro, ao promover a cultura africana com apresentações teatrais, poesia e música. “Sankofa aqui em Salvador é a África viva e atual”.

Para o Dj Sankofa, as pessoas precisam conhecer a diversidade africana. “Os brasileiros não

conhecem a África. Pensam que é Jamaica ou que é um país”. Ele explica que muito do que se conhece sobre o continente é fruto de um imaginário, do que se viu na televisão. “Ser africano não é só falar iorubá”, provoca.

Sankofa pretende fazer com que o Brasil conheça a África atual. “Música do Ilê Ayê e do Olodum não é música africana,

é música afro-brasileira. Foram escritas e arranjadas aqui”.

Atualmente, desenvolve o Sistema Kalakuta, junto com o Dj Dudoo Caribe, com proposta de pesquisa e difusão da música africana.

Juju music, highlife, afrobeat, soukous, afrofunk, voodoo funk são alguns dos ritmos do projeto, que já tem shows na África

agendados em 2014.

Propondo o intercâmbio cultural Brasil-Gana, Sankofa também está articulando, junto a uma agência de viagens, levar brasileiros para Gana.

“Precisamos trocar esses conhecimentos, para que Brasil e África se entendam melhor e para que o Brasil seja tão África quanto se diz ser”, finaliza Sankofa.